

O exercício de “escrita livre” versus a “escrita-resultado”: um relato de experiência¹

Marcelle Jacinto da Silva¹ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

Este relato tem como objetivo compartilhar minha experiência enquanto docente que tem trabalhado com a temática da escrita acadêmica no ensino superior. Tenho promovido a reflexão sobre o momento em que vamos nos descobrindo no papel de autores, para refletirmos coletivamente sobre em que condições emocionais e materiais escrevemos, lançando enfoque para o processo de escrita, já que tendemos a priorizar a “escrita-resultado”. Articulada a essa reflexão, propus a elaboração de exercícios de “escrita livre”, isto é, a elaboração de uma produção sem edição e com o mínimo de pausas no sentido de dar vazão à criatividade e o controle da autocrítica. Os relatos orais e escritos produzidos pelos estudantes apontaram para uma sensação de angústia constante quando se trata de escrever, mas também de alívio pelo entendimento de que escrever ultrapassa o conhecimento técnico que precisamos seguir para nossas produções serem legitimadas como acadêmicas e, ainda, enquanto processo inacabado.

Palavras-chave: Escrita Acadêmica. Ensino Superior. Trabalho Acadêmico. Prática Educativa.

The exercise of “free writing” versus “final writing”: an experience report

Abstract

This report aims to share my experience as a teacher who has worked with the theme of academic writing in higher education. I have promoted reflection on the moment when we discover ourselves in the role of authors, to collectively reflect on the emotional and material conditions in which we write, focusing on the writing process, since we tend to prioritize “final-writing”. Articulated to this reflection, I proposed the elaboration of exercises of “free writing”, that is, the elaboration of a production without editing and with the minimum of pauses in the sense of giving vent to creativity and the control of self-criticism. The oral and written reports produced by the students pointed to a constant feeling of anguish when it comes to writing, but also relief from the understanding that writing goes beyond the technical knowledge that we need to follow for our productions to be legitimized as academic and, also, as a process. unfinished.

Keywords: Academic Writing. Higher Education. Academic Text Genres. Educational Practice.

¹ Este relato se trata da adaptação de trechos escritos por mim do capítulo “A escrita acadêmica como um encontro: o lugar das emoções na pesquisa e no processo de escrita” (SILVA; LIMA, 2022), publicado no livro “Poéticas e políticas da pesquisa: Relatos sobre escrita, envolvimento e análise científica.”

1 Introdução

Este relato tem como objetivo compartilhar minha experiência enquanto docente que tem trabalhado com a temática da escrita acadêmica e do letramento acadêmico no ensino superior. Entre os meses de novembro de 2020 e julho de 2021, tive a oportunidade de ministrar quatro minicursos online, três deles sem vínculo institucional, participar como facilitadora de dois grupos de estudos realizados pelo Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS/UFC) e de ministrar uma disciplina optativa intitulada “Desafios da Escrita Acadêmica”, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Ambos os encontros contaram com a participação de estudantes da graduação ao pós-doutorado de diferentes instituições, assim como de diferentes regiões do país, conexão facilitada pela plataforma online Google Meet.

A proposta dos encontros foi que pudéssemos conversar, da forma mais horizontal possível, sobre quais são as principais dificuldades no que se refere à escrita na universidade, mas também sobre outras etapas da pesquisa acadêmica, para que pudéssemos construir, em colaboração e de forma conjunta, estratégias que nos ajudassem a desenvolver uma escrita mais fluida e confortável, sem perder de vista a importância da construção de um planejamento mais realista para a conciliação das fases do trabalho acadêmico com a rotina de cada estudante. A reflexão sobre esse momento em que vamos nos descobrindo no papel de autores/as foi um ponto em comum nesses espaços, para refletirmos sobre em que condições emocionais e materiais escrevemos, com a finalidade de pensarmos a importância do que acontece durante o processo de escrita, já que tendemos a focar nossa atenção quase que integralmente no produto desse processo, na “escrita-resultado” (MARQUES, 2006, p. 21).

Articulada a essa reflexão, apresentei aos participantes dos encontros uma proposta, entendida aqui como prática educativa, oferecida pelo psicólogo brasileiro Robson Cruz: a elaboração de exercícios de “escrita livre”, isto é, a elaboração de uma escrita sem edição e com o mínimo de pausas no sentido de dar vazão à

criatividade e o controle da autocrítica. Nesta ocasião, apresento algumas impressões que tive dessa experiência.

2 Metodologia

Todas as aulas foram expositivo-dialogadas e tiveram como norte a potencialidade da “pedagogia engajada” proposta por hooks (2020), na qual também estou implicada, demonstrando minha vulnerabilidade, portanto, praticando o que a autora chama de “horizontalidade”. Consoante as palavras de hooks (2020, p. 49):

Minha disponibilidade para compartilhar, para expor meus pensamentos e minhas ideias, confirma a importância de expor pensamentos, de superar o medo e a vergonha. Quando todos nos arriscamos, participamos mutuamente do trabalho de criar uma comunidade de aprendizagem. Descobrimos juntos que podemos ser vulneráveis no espaço de aprendizado compartilhado, que podemos nos arriscar. A pedagogia engajada enfatiza a participação mútua [...].

O primeiro dos quatro minicursos online aconteceu entre os dias 7 e 19 de novembro de 2020. Foi intitulado “Itinerários para uma escrita acadêmica afetiva”, dividido em três turmas com carga horária de 8 horas e se tratou de um projeto coletivo, em colaboração com a professora Stephanie Lima (UECE) e participação da professora e ativista Malu Jimenez (UFRJ), via plataforma Google Meet. O segundo curso, intitulado “Grupo de Estudos: Escrita Acadêmica e Métodos de Pesquisa” aconteceu entre 3 de dezembro de 2020 e 21 de janeiro de 2021, foi ministrado por mim e ela professora Stephanie Lima e oferecido pelo Instituto Fratelli com carga horária de 14 horas, via plataforma Zoom. O terceiro, intitulado “Escrita tradicional e escrita sensível” aconteceu entre 22 de março e 9 de abril de 2021, foi ministrado por mim, pela professora Stephanie Lima e pelo professor Aluísio Lima (UFC), teve carga horária de 20 horas, via Google Meet. Por sua vez, o quarto minicurso online, ministrado por mim, foi intitulado “Processos de escrita acadêmica e métodos de estudo” e aconteceu dia 24 de junho de 2021, via Google Meet, com 4 horas-aula.

O grupo de estudos “Caminhos e descaminhos da escrita”, por seu turno, foi realizado com apoio do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS/UFC) e teve duas edições: a primeira entre 25 de fevereiro e 1 de abril de 2021, e a segunda entre 7 de julho e 25 de agosto de 2021. Aconteceu via Google Meet e teve a colaboração, como facilitadores/as dos encontros, Raquel Mesquita, Rachel D’Amico, David Nogueira e Weriquis Sales, pós-graduandos/as no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC e membros do NUSS.

4

Por fim, houve a disciplina intitulada “Desafios da Escrita Acadêmica”, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, oferecida aos estudantes em 2021.1 como um Tópico Especial em Sociologia IV (código HD0127), entre 17 de maio e 16 de agosto de 2021, com 64 horas-aula, via plataforma Google Meet.

As inscrições para os encontros, exceto para a disciplina, realizada via Sigaa², foram efetivadas via Google Forms e englobou um público diverso e significativo, por exemplo: “Itinerários para uma escrita acadêmica afetiva” contou com 42 inscrições confirmadas, “Escrita tradicional e escrita sensível” contou com 30 inscrições, “Processos de escrita acadêmica e métodos de estudo” contou com 18 inscrições e a disciplina “Desafios da Escrita Acadêmica” obteve 31 matrículas e participação de 8 estudantes como ouvintes. Vale destacar que apenas as aulas do “Processos de escrita acadêmica e métodos de estudo” e da disciplina “Desafios da Escrita Acadêmica” foram gravadas via plataforma Google Meet.

3 Resultados e Discussões

Nos encontros, não tive como horizonte a intenção de impor um modo de fazer particular ou apresentar soluções para todos os problemas que surgissem naquele espaço, mas sugerir possibilidades para a superação do máximo de dificuldades que fossem relatadas.

Um dos principais objetivos foi incentivar que os/as participantes refletissem sobre esse momento em que vamos nos descobrindo no papel de autores/as (DINIZ,

² Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas.

2013), para refletirmos sobre em que condições emocionais e materiais escrevemos, quais estratégias mobilizamos para o planejamento de nossas pesquisas e leituras; com a finalidade de pensarmos a importância do que acontece durante o processo de escrita, já que tendemos a focar nossa atenção quase que integralmente no produto desse processo, na “escrita-resultado” (MARQUES, 2006, p. 21). A troca de experiências se tornou ainda mais interessante, tendo em vista que cada pessoa, com seus próprios recursos, mobiliza estratégias com as quais se sente mais confortáveis, ao mesmo tempo em que encontramos muitas afinidades e socializamos dificuldades, como por exemplo, por onde iniciar um texto e como conciliar leitura, pesquisa e escrita.

Os depoimentos que ouvimos e compartilhamos nos fez reconhecer que a sensação de angústia é uma constante quando se trata de escrever e é comum pensar que passamos por alguma dificuldade pessoal, que se trata de um problema individual ao invés de um problema social do campo acadêmico (CRUZ, 2020). Sentimos que algo nos trava a escrita, ao mesmo tempo em que temos dificuldade em compartilhar nossas inseguranças com nossos/as colegas e professores/as, acompanhada do medo de como seremos lidos por qualquer leitor/a (REZENDE, 2019).

De modo geral, nossos textos, quando apresentados ao mundo, assumem uma autonomia que nos escapa: emancipam-se (MARQUES, 2006), tendo em vista que “escrever é se expor publicamente” (DINIZ, 2013, p. 38). À vista disso, reitero a responsabilidade de buscarmos por palavras mais acessíveis e que deem conta das experiências particulares, nossas e de nossos/as interlocutores/as, assumindo a “responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas na nossa vida” (LORDE, 2019, p. 55).

Cultivar o hábito da leitura é, sem dúvida, um consenso entre autoras e autores que convidamos para nossa conversa, já que aprendemos a fazer escolhas em nossas andanças de leitores/as para que “seja inspiração, ajude a sair dos impasses, a descortinar novos horizontes e caminhos” (MARQUES, 2006, p. 24). A leitura é parte imprescindível e simultânea do processo de escrita, sobretudo se

entendemos as autoras e autores que trazemos como “outra espécie de interlocutores nesse nosso conversar escrevendo” (MARQUES, 2006, p. 16).

Nesse ponto, pensamos que encarar o texto como uma conversa (MARQUES, 2006; HOLANDA, 2018), um encontro com o outro (DINIZ, 2013; HOLANDA, 2018) no qual existe uma audiência virtualmente implicada (YIN, 2016) mostra-se uma estratégia fecunda que nos instiga a ponderar: o que, de fato, pretendo comunicar em meu texto; para quem estou escrevendo; e quais são minhas motivações. Afinal, em concordância com Marques (2006, p. 15), “escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes”.

Além disso, percebemos que escrevemos desde lugares sociais diferentes, então, nossos corpos escreventes (REZENDE, 2019) não apenas importam, como importa aquilo que nos acontece enquanto o fazemos, tendo em vista que cada um de nós vivencia o ato de escrever de forma diversa, assim como nossos corpos reagem de forma diversa às leituras que fazemos. Yin (2016) acrescenta: “Existe também um ‘sexto’ sentido que pode ser importante – as intuições e sentimentos vivenciados ou pelas pessoas estudadas ou por você mesmo” (Idem, p. 237). Assim, é um desafio constante “estar ciente e ser sensível à função interpretativa, especialmente ao compor” (Idem, p. 237), conciliando uma descrição fidedigna da sua experiência de pesquisa com uma reflexão sobre aquilo que você experimentou enquanto pesquisador/a e leitor/a, produzindo, assim, um “texto com vida”, resultado de uma escuta atenta que requer afeto e empatia (HOLANDA, 2018).

Por conta da centralidade de nossas emoções em encontros como esse, insisto que escrever ultrapassa o conhecimento metodológico, técnico ou das regras que precisamos seguir para nossas produções serem legitimadas como pesquisas acadêmicas. Juntos/as, reconhecemos ainda que cada um/a tem um ritmo de trabalho que não é igual e nem linear, e que somos seres em processo, sempre inacabados/as. Entender que se trata de um processo, nesse sentido, nos ajuda na forma como lidamos com o texto enquanto algo inacabado, que precisa ser editado, reescrito, revisado e aprimorado constantemente. Essa consciência do inacabamento pode ser um combustível para o cultivo da curiosidade e da

persistência, parte importante no processo de pesquisa, fundamental para a produção do conhecimento, assim como a organização e um bom planejamento, as quais, para Gondim e Lima (2010, p. 21), “são alavancas poderosas para essa atividade”.

Com Cruz (2020), percorremos um caminho que nos conduziu às múltiplas causas das dificuldades que enfrentamos e que nos impedem de escrever com fluência e conforto. Muitas vezes, conforme Bessa (2017), as condições que jovens universitários/as enfrentam para produzirem e escreverem não são das mais favoráveis, particularmente, por conta da pressa e a pressão que cercam a formação universitária, sobretudo pela ausência de espaços mais voltados para potencialização da autoria, o despertar do interesse e da motivação para a pesquisa e a escrita científica desses/as estudantes, tendo em vista a complexidade e dinamicidade do movimento que se dá entre o início de um estudo até a finalização de seu/s produto/s.

Combinei reflexão com a noção da “caixa de ferramentas” proposta por King (2015) e as sugestões oferecidas por Cruz (2020) para que possamos almejar uma fluência na escrita; ambos nos instigam a pensar: o que levar em consideração para escrevermos melhor, então? Quais ferramentas ou instrumentos de trabalho podemos mobilizar a nosso favor? Sinto conforto utilizando uma folha de papel como suporte da escrita ou a tela do computador é mais convidativa durante meu processo? Afinal, onde começa esse processo? Outro aspecto relevante, mas não menos importante, nesse contexto, são as sugestões apontadas por Cruz (2020), uma das quais, colocada em prática em meu cotidiano enquanto docente e autora: a elaboração de exercícios de escrita livre, isto é, “uma maneira de escrever o mais rápido possível sem editar e com o mínimo de pausas de modo a impedir a hesitação desencadeada por pensamentos, sensações, emoções e sentimentos que surgem especialmente nos momentos prévios ao começo da escrita” (CRUZ, 2020, p. 73) .

4 Considerações finais

Partindo da prática educativa enunciada, o “exercício de escrita livre”, os estudantes produziram relatos orais e escritos, os quais optei por não apresentar neste espaço a fim de não expô-los/as; no entanto, vale destacar que o material apontou para a presença da sensação de angústia constante quando se trata de escrever, especialmente no contexto de isolamento social em decorrência da pandemia de Covid-19, e a percepção de que este não se trata de um problema individual, mas sim um problema social do campo acadêmico. Apesar das resistências a escrever livremente, e da permanência de pensamentos de autojulgamento, encerramos esses encontros com o reconhecimento da centralidade de nossas emoções na escrita, o entendimento de que escrever ultrapassa o conhecimento técnico que precisamos seguir para nossas produções serem legitimadas como acadêmicas e, ainda, enquanto processo inacabado.

Transformar um tema de estudo em trabalho acadêmico, isto é, numa “escrita-resultado”, se trata de uma atividade mergulhada em desafios, particularmente, por conta das exigências nas quais esse tipo de escrita está implicada. A jornada, desde a escolha do tema até apresentação/defesa do trabalho acadêmico, é um processo de aprimoramento tanto de quem escreve como do próprio texto; é um caminho de tentativas, experimentações, avanços e mudanças. Nesse processo, o corpo de quem escreve passa por diversas experiências, acompanhando o desenvolvimento do texto.

O processo de escrita envolve muito mais do que apenas escrever; é um modo de exercitar nossa presença no mundo. Cada pesquisa é única e cada um/a de nós escreve a partir de um lugar social situado (MARQUES, 2006; HARAWAY, 2009), tanto do ponto de vista epistemológico como material. As condições de escrita, portanto, não são as mesmas para todos/as, e isso impacta diretamente em como e para quem escrevemos. Compreendo, portanto, a importância do compartilhamento dos desafios com a escrita e dos nossos textos em versões iniciais para que possamos criar estratégias coletivas que proporcionem mais segurança e conforto nos processos criativos; conhecer como os/as outros/as pesquisadores/as escrevem e como enfrentam seus dilemas podem nos ajudar a treinar auto-observação, consciência e responsabilidade ética, haja vista que, em

concordância com Freire (2021, p. 19), é preciso que nos assumamos enquanto sujeitos éticos, sobretudo porque as palavras “têm peso” (KING, 2015, p. 119).

Referências

BESSA, José Cezinaldo Rocha. Sobre condições de autoria e de produção científica do jovem pesquisador. **Raído**, Dourados - MS, v. 12, n. 27, p. 23-41, 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5647>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CRUZ, Robson. **Bloqueio da escrita acadêmica**: caminhos para escrever com conforto e sentido. 1. ed. Belo Horizonte: Artesão, 2020. 132p.

DINIZ, Debora. **Carta de uma orientadora**: o primeiro projeto de pesquisa. 2. ed. Brasília: Letras Livres, 2013. 108p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. 143p.

GONDIM, Linda M. P.; LIMA, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual**: considerações sobre método e bom senso. São Carlos: EdUFSCar, 2010. 88p.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 12 ago. 2022.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020. 288p.

HOLANDA, Ana. **Como se encontrar na escrita**: o caminho para despertar a escrita afetuosa em você. 1. ed. Rio de Janeiro: Bicicleta Amarela, 2018. 196p.

KING, Stephen. **Sobre a escrita**. A arte em memórias. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 294p.

LORDE, A. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. In: LORDE, A. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 240p.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. 154p.

REZENDE, Camila Ribeiro de Almeida. Objetividade na escrita acadêmica – Reflexões interseccionais sobre corpos que escrevem. In: BERTOTTI, B. M. et al.

(Org.). **Gênero e resistência**, volume 1: memórias do II encontro de pesquisa por/de/sobre mulheres [recurso eletrônico], Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019, p. 301-319.

SILVA, M. J. da; LIMA, S. C. Ferreira de. A escrita acadêmica como um encontro: o lugar das emoções na pesquisa e no processo de escrita. *In*: MENDES, V. P. S.; LIMA, M. de F. F. de; AQUINO, S. H. S. de; SILVA, M. J. da. (Org.). **Poéticas e políticas da pesquisa**: Relatos sobre escrita, envolvimento e análise científica. Fortaleza: Imprece, 2022. p. 101-116.

ⁱ **Marcelle Jacinto da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6453-726X>

Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais
Professora Substituta no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará;
Bacharela em Ciências Sociais (UFC); Mestra e Doutora em Sociologia (UFC); Pós-doutorada
em Psicologia (UFC).

Contribuição de autoria: Marcelle Jacinto da Silva foi responsável pela concepção e desenho do estudo; análise e interpretação dos dados; redação do manuscrito e revisão crítica do conteúdo intelectual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9738988094009712>

E-mail: marcelle.silva.cs@gmail.com.

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, Marcelle Jacinto da. O exercício de “escrita livre” versus a “escrita-resultado”: um relato de experiência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.